

**FIGUEIREDO, Rubens. *Passageiro do fim do dia*. São Paulo: Companhia das letras, 2010. 197 p.**

Oitavo livro de Rubens Figueiredo, tradutor e professor de língua portuguesa e tradução literária, romancista e um dos mais notáveis tradutores brasileiros contemporâneos – *Passageiro do fim do dia* foi a obra mais premiada do ano de 2011, ganhando o Prêmio Portugal Telecom de Literatura, além de já ter ganho dois Prêmios Jabuti. Um dos principais tradutores da língua russa no Brasil, Figueiredo recebeu em 2010 o Prêmio Literário da Fundação Biblioteca Nacional pela tradução de *Ressurreição*, de Tolstói. Entre outras traduções, constam duas importantes obras da literatura russa: *Anna Karenina* e *Guerra e Paz*, pela editora Cosac & Naify.

*Passageiro do fim do dia*, em suas primeiras palavras, já evidencia ao leitor o quão complexo será o romance: “Não ver, não entender e até não sentir. E tudo isso sem chegar a ser um idiota e muito menos um louco aos olhos das pessoas” (p. 7). Este excerto sinaliza para o labirinto do texto e, por conseguinte, da análise proposta para essa impactante obra. O fragmento já explicita o entrelaçamento existente no romance entre literatura e sociedade; a prática de não ouvir, não ver, muito menos de tentar compreender acontecimentos ou interrogar o sistema, uma condenação à passividade e ao cumprimento de obrigações. Pedro, o protagonista, traz à tona as memórias coletivas daqueles que vivem no Tirol, bairro onde mora sua namorada Rosane. Constituem-se de relatos contados e/ou conhecidos por ela, assim como também das suas próprias memórias. Pedro as rememora em mais uma de suas viagens ao Tirol. Ao adentrar nesse espaço, recupera-as e as revive em seu próprio espaço-tempo peculiar: a partir do momento presente e de um único espaço físico, que é o ônibus em que semanalmente viaja.

A narrativa não possui capítulos, seu fluxo é ininterrupto; o narrador apresenta de modo fragmentado a vida de Pedro; a sua trajetória e dificuldades, em meio às suas memórias e divagações, de modo que não se percebe um começo, meio e fim na história; essa ausência de linearidade confunde por vezes o leitor. À espera do ônibus, distraído, mas sempre em busca de novas distrações, Pedro, de quase 30 anos, observa tudo a sua volta: cada detalhe, objeto, movimento; descreve pessoas, o espaço e seus componentes, o que remete Pedro a outras dimensões, fatos, acontecimentos, lembranças, conclusões, reflexões, que para ele são suas distrações.

O romance se inicia com um detalhamento do narrador a respeito do local, das pessoas, dos objetos, dos movimentos que ocorrem no entorno do protagonista; este, por sua vez, já acostumado com aquela rotina semanal, não se surpreendia pela ausência de novidade: “Havia alguns meses que toda sexta-feira, à mesma hora, Pedro ia para aquele ponto final, tomava seu lugar na fila. Sem nenhum esforço e sem a mínima intenção, já sabia até alguma coisa a respeito de alguns” (p. 9). O protagonista também retrata características dos passageiros do ônibus: exemplos de trabalho, pobreza, miséria, seres levando sempre a mesma vida, sem projeção de futuro. Estes carregam marcas da velhice natural e forçada, por terem sofrido algum tipo de acidente entre outras fatalidades, cenário em que a vida é uma rotina sem escolhas, somente com suas obrigações. Ao mesmo tempo, percebe-se a dificuldade do protagonista em encontrar-se, em reconhecer-se, “sem ser visto, Pedro mesmo não se via” (p. 11), motivo que o leva a buscar distrações para esquecer seu próprio “eu”, sua identidade, que com certeza seria caracterizada da mesma forma que a dos demais: peças de uma engrenagem que podem ser descartadas a qualquer momento.

Com um rádio e fones de ouvido, também objetos de distração, Pedro presta atenção aos detalhes, como, por exemplo, a voz do locutor, imaginando suas características, atos. Dono de uma pequena loja em sociedade com um amigo advogado, uma espécie de sebo onde vende livros de segunda mão, sempre leva um livro para ler durante a viagem; para a viagem de que trata a narrativa, havia escolhido Charles Darwin. No decorrer da trama, a personagem faz alusões ao conteúdo da obra: “Não são os mimados, mas sim os adaptados que vão sobreviver” (p. 8). Aplica os conceitos e suas vivências, recordações, traçando relações e interpretando o pensamento de Darwin. O volume de Darwin integra uma coleção de livros que Pedro havia vendido em bancas de revista há muitos anos, quando ainda era camelô, mas envolve-se em uma confusão urbana, sendo pisoteado por um cavalo da polícia. Com o auxílio do amigo e advogado Júlio, ganha um processo e consegue abrir um sebo.

Pedro é extremamente marcado pelo cotidiano duro e áspero da cidade grande, que se reflete em sua imaginação: “Assim que viu a figura do sábio estampada na capa, no instante em que deparou com o emaranhado da longa barba cor de carne, bateu abrupta em sua memória a imagem do mesmo livro: chutado uma, duas três vezes sobre as pedrinhas brancas e sujas da calçada...” (p. 14). Essas recordações remetem Pedro a acontecimentos que se conectam ao espaço onde os fatos se concretizaram, como se fossem impressas digitalmente, que ao serem rememoradas possibilitam a reconstrução dessas vivências. A memória dos fatos

não só vem atrelada à localização espacial, como evoca as sensações que o protagonista experimenta no dia do acidente, quando olha seu livro ser chutado pela rua e sente os cacos de vidro da vidraça de uma loja caírem em suas costas. Deste modo, faz com que reviva aquele momento angustiante que, assim revivido, desperta-lhe as mesmas dores. As memórias de Pedro intercalam-se com os acontecimentos, movimentos, descrição do percurso da viagem, delineando pessoas, as suas casas, em contraste com outras realidades.

O Tirol é uma espécie de favela urbana, um bairro de periferia retratado pelo protagonista, assim como as pessoas, o medo e a violência do meio em que passa seus fins de semana. De acordo com as especificidades explicitadas, que permeiam o lugar, percebe-se um abandono público nessas periferias. De acordo com o próprio autor do romance são “típicas áreas formadas nos restos da cidade para comportar os restos da sociedade”, por mais que a vida no bairro do Tirol seja abordada superficialmente. Percebe-se também que este espaço, por estar relacionado diretamente com Rosane, que reside no bairro, fazendo com que o protagonista relacione involuntariamente a representação visual deste espaço com as descrições e histórias contadas por ela.

O romance *Passageiro do fim do dia* é um livro importante não apenas para os interessados em temáticas que abordam o social, mas para todos aqueles que veem a literatura como um meio de amenizar os problemas e as ilusões do homem. O poder das palavras do narrador da obra possibilita uma reflexão acerca do caos urbano, do descaso das autoridades, pois Pedro, da janela do ônibus, consegue vislumbrar e analisar os fatos à sua volta, além de refletir sobre si mesmo. O protagonista, munido da obra de Darwin, consegue escapar por vezes de sua realidade e também analisá-la, quando adentra na história do livro. Neste caso, a literatura humaniza o personagem e permite apontar seu olhar para outras direções e dimensões.

**Larissa Paula Tirloni**

Mestranda em Letras - Área de Concentração: Literatura Comparada, pela  
Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões - URI - Campus de Frederico  
Westphalen.

e-mail: larissatirloni@hotmail.com.